



O DEMONIO DO JOGO;

APPRESENTAMOS copia de uma estampa antiga, para que se veja o gosto da invenção e desempenho d'este genero de desenhos, ha quatro ou cinco seculos. Servirá tambem de prova de quão desenfreada dominava a paixão do jogo entre os nossos maiores, que além das declamações vulgares, deu occasião a diversos livros, hoje raros e esquecidos. A par da censura dos auctores apparece a severidade das leis, fulminando penas contra os jogadores, reforçadas com a auctoridade canonica.

A opinião geral reconheceu os damnos d'essa paixão devastadora, que começou pelas perturbações e ruínas entre os grandes, e semeou-as depois nos domicilios dos particulares, roubando a paz e a fazenda de innumeraveis familias. Sempre este vicio, fonte de outros muitos, tão fatal como a guerra intestina, foi funestissimo, e ainda em nossos dias é causador de bastantes estragos, qualificado como um dos males Moraes da sociedade; porém, nunca se manifestou tão solto e contaminador, como na epocha a que alludimos, e a que pertence aquella estampa, posto de data um tanto incerta. Foi mister representar, então, este flagello da communidade social sob a allegoria de um ente malefico, revestido de fórma monstruosa e horrida, respirando incendios e toda a casta de assolacões, empolgando palacios e toda a especie de propriedades. Se a invenção da allegoria pôde parecer extravagante, o fundo do pensamento, é assaz verdadeiro.

Que o jogo estava em muita voga entre nós nos dois precedentes seculos mostra-se pelas passagens respectivas dos nossos escriptores asceticos e moralistas. Reprehendendo o jogo nos dias sanctificados, e

VOL. I. — NOVEMBRO 13, 1847.

para mostrar a observancia do domingo entre os heterodoxos, o nosso Vieira, no sermão de domingo de Ramos, prégado no Maranhão em 1656, exprime-se d'esta maneira.

— Quero-vos contar o que me succedeu em Inglaterra. Iam comigo dois portuguezes, os quaes em um domingo se pozeram a jogar as tabólas em uma estalagem; saiu o hospede muito assustado, e como fóra de si: e bem senhores, quereis que me venham queimar a casa? . . . Queimar a casa. . . e porque? . . . Porque é esse um jogo que se pôde ouvir fóra, e se o ouvirem ou souberem os magistrados, sou perdido. Assim o dizia este homem, e assim havia de ser. E para que mais vos admireis, a cidade ou villa, era Douvres, porto e escala maritima, onde todos, sem exceptuar um só, são hereges. Oh vergonha dos que tanto nos prezamos do nome de catholicos!

CONSOLAÇÃO PARA QUEM MORRE DE MORTE VIOLENTA.

Na sentença ha pouco tempo proferida em Londres sobre um processo de desafio faz-se notavel a seguinte phrase no acto da accusação: O accusado matou o seu adversario com uma pistola que val 40 schellings.

Perguntarão alguns que importa o valor da arma n'uma causa de duello? Quer a pistola custasse um ou cem shillings nem por isso deixou de haver morte de homem. Porém os inglezes teem uma lei particular e rara, a lei do *deodand*, isto é que qualquer objecto que houver causado a morte de um homem fi-

ca confiscado em proveito do estado. Assim é confiscada a pistola com que se effectua um desafio; a carroagem que atropella alguém é também confiscada; a casa que desabre sobre os viandantes é também confiscada. Com esta lei dá a entender o fisco o seu interesse na vida dos cidadãos. Perde um homem a existência? Para consolar e aplacar-lhe os males descobriu o estado um meio infallível: é herdar o instrumento homicida.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

VI

Só o coração não morre!

QUANDO OS dois cavalleiros e o monge entraram na sala d'armas o sol escondia-se no poente.

A manhã tinha sido calmosa, e o céu, embaciado de vapores, ao cair da tarde desmerecia em azul-livido, e em branco-azulado mais para o longe. Detraz das serras iam levantando a cabeça torreada nuvens grossas e pardas, diante das quaes outras mais leves e alvas esvoaçavam, fugindo. O sol vermelho de fogo despedia-se mergulhado na barra cinzenta do poente, tingindo de reflexos de ouro e rosa as arestas dos muros e o vertice dos montes.

Como cincto que se alarga, dos horisontes despontava o cerrado negrume, que a intervallos sulcam de veios chammejantes os relampagos, fuzillando. Depois surdos e prolongados rebombos de trovão repetiam-se de echo em echo no espaço.

O silencio era profundo. No ceu as aves fugiam aos bandos; e na terra, arida com o calor da tormenta, tinha-se calado até o sussurrar das arvores, e o murmurio das águas; que são as vozes do hymno consolador, que a aurora na fresquidão, e na sua melancolia o crepusculo da tarde, entoam a Deus, saudando a luz e a noite, symbolos da fadiga e do repouso.

De quando em quando sentia-se passar lenta e gemida a rajada do sul nas gargantas dos serros. As searas acamavam tremulas ao açoite da sua cholera. Esta lufada breve e secca era a nuncia do temporal. Dentro em pouco, na sua pompa tremenda ve-lo-hão chegar coroado de raios, e vestido de chammas. No esteiro do Mondego, perto do alcacer, as ondas estorciam-se no leito, e gemendo tornavam a adormecer, como enfermo que as convulsões largaram, e se afdiga depois em somno agitado.

Entre tanto, dos tres homens, reunidos na sala de armas, nenhum levantára ainda a vista para lá. A historia de Inigo Lopes tinha prendido toda a sua attenção, sem modificar os seus planos.

Entregue a pensamentos de vingança é que Martim Paes alli viera. Respondendo á mensagem do mourisco, D. Maria promettêra trazer a Sancta Olaia o illudido cavalleiro de Salzedas. Um recado do senhor de Lanhoso aos parentes da sua casa, que, em Coimbra, ajuntára a festa da coroação, avisava-os para acudirem ao castello, onde eram chamados para se resolver um caso de vida ou morte para todos. Tentando, debalde, conciliar com o crime a consciencia, o irmão de D. Maria Paes procurava imputar a outrem a principal responsabilidade do acto de cruexa e perfidia que estava determinado a praticar. Os costumes do seculo concediam-lhe ser quasi juiz no seu pleito; e, aproveitando-os, suppu-

nha-se absolvido da infamia de covarde matador, uma vez que desse ao assassinio a sancção de muitos. O desgraçado esquecia que o homicida quebra os laços de patria e familia, e, sobre o sorriso dos filhos e o amor da mulher, pela mão do remorso espalha as rugas agonias do terror e do castigo!

A voz que, da capella, accentava o desafio, atterrando-o, não lhe mudára a terra. Semelhante a todos os criminosos, imaginava que os olhos de Deus o não segufam pelos tenebrosos desvios do seu crime.

Taes eram, na hora em que estamos, as suas reflexões: encostado ao mainel da fresta, e olhando os campos, por onde, como fita tortuosa, colleava a estrada que havia de pisar Gomes Lourenço.

Do outro lado D. Nuno, dobrado sobre os joelhos, scismando, comparava a aspereza dos antigos tempos, em que eram aço as almas, á debilidade do seu, em que os homens, por fracos, dizia elle, já não abriam uma cova á porta de cada solar, e não respondiam com punhaladas ao mais leve doesto. Degenerado seculo! . . .

Para este adulador do passado a cultura dos costumes era perversão. Não via o caminho da sociedade, e, tapando os ouvidos, não escutava a palavra de esperança, que as gerações presentes repetem ás gerações futuras. Com as costas para o porvir, cegava os olhos no crepusculo da noite, sem força para os fitar no romper da aurora. Para elle o berço, d'onde o seculo novo se ergue triumphante, era o tumulo em que dorme o seculo findo.

Homens assim, andam cegos com os olhos abertos. E queixam-se, e calumniam, e perseguem! Sectarios-sonambulos, matam e morrem em nome de politicas proscriptas, de idéas cadavericas, e de crenças moribundas, julgando resuscitar, pela intolerancia, o predominio que passou.

D. Nuno, sem o valor heroico, verdadeira corôa da cavallaria da epocha, fôra accusado de fraqueza em occasiões, em que ella se torna indesculpavel. — Cruel e vingativo, não esquecêra, nem perdoára os motejos. No fundo do coração assentou, como divida sagrada, a memoria de todas as injurias. Os cavalleiros moços, menos prudentes que os velhos, cravaram-lhe o punhal do escarneo diante do rei, nos saráus da côrte, e na presença das damas; e para vingar as offensas recebidas, D. Nuno sabia que uma existencia de seculos não chegaria! Por isso, ferindo na cabeça o mais estimado dos soldados moços, escolhia-o para victima do seu desaggravo, e exemplo dos motejadores. Quem era mais apto do que Gomes Lourenço, para realisar este pensamento vil e atroz!

De pé, no umbral do balcão, desenhava-se a figura de Fr. Munio, destacando das outras duas pela mansa e resignada expressão do rosto. Ao passo que as sombras do crime carregavam na physionomia d'aquelles homens ferozes, a sua respirava paz e misericordia.

A testa elevada; os olhos, aonde, apagado o ardor das paixões, brilhava a serena luz da reflexão; e os cabellos brancos, caindo ondados pelos hombros, assimilhavam-n'o ao vulto de granito, em que a tradição esculpiu a sacerdotal magestade dos prophetas. Nas feições, allumiadas de uma melancolia mansa e nobre, estava escripta a victoria do espirito sobre a carne, e a lucta secreta (quem sabe se mais nobre, do que muitas estrondosas) do orgulho do soldado com a humildade do claustro. Aquella grosseira estamenha, em que apertava o cilicio ao peito, conhecia a historia, talvez terrivel, de agonias, de saudades, e de affectos chorados na solidão. Era a mortalha das paixões que viviam e queimavam no coração

do cavalleiro, mortas ou vencidas no coração do monge.

Pastor de homens, herdeiro da mansidão do primeiro mestre, era risonha a sua virtude e consoladora a sua fé, como filha da esperança. Austero só consigo, trazia no semblante a alegria do céu, a humildade do justo, e a charidade do apóstolo. Mas quando a sua voz, branda como Christo, não era escutada no tumulto do mundo, então, elevando-a ameaçadora, como Jeremias, e vibrando-a, pezada de exemplos e lições nos paços e mosteiros, algumas vezes semeára nas cinzas dos vícios as flores do arrependimento.

A historia da sua mocidade era um segredo. Nascido em berço illustre; cavalleiro dos ultimos tempos d'Affonso Henriques, e dos primeiros de seu filho D. Sancho, attribuiam-lhe rasgos de valor heroico. De repente desapareceu, e ninguem soube mais d'elle; diziam uns que fóra peregrinar á Palestina; diziam outros que partira para chorar, longe da terra natal, a mulher de quem o amor fóra para elle a unica luz da vida, e cuja morte prematura, envolta em mysterio, se ignorava se proviera do ciúme, ou do pesar d'occultas penas.

Quando, decorridos doze annos, voltou, já o conheceram com aquelle habito e aquellas feições; velho antes de tempo, e sobretudo admiraram o reflexo de serenidade celestial que as dourava. Das paixões do soldado ou do amante nem o menor vestigio! — Se em algumas occasiões a memoria ou a saudade se ergueram na solitaria enxerga, as suas lagrimas e soluços, suffocados na cella da penitencia, nunca transpiraram para fóra d'ella. O nome por que se tinha chamado no seculo, escondeu-o, como se recordasse quebra ou desdouro. Recordava-lhe elle acaso uma vida, de que vivêra instantes, e anciava esquecer, nas austeridades monasticas, inuteis quasi sempre para curar as dores da alma? Quem sabe! Presumir investigar taes segredos é vaidade. Quando o interrogavam sobre o passado, respondia: « O homem novo despiu as vaidades do homem velho. O que é o nome, quando quem o teve morreu, e se amortalhou? »

Os curiosos ficavam illudidos, e o monge com o segredo. Cançaram-se por fim de indagar, acostumando-se a ver em Fr. Munio um frade como os outros. A sua historia, os seus trabalhos, e a constancia com que os padecêra, revelados sob o sigillo da confissão ao abbade de Cister, tiveram ás vezes do illustre dignatario da igreja esta sentença moral: — « Ha virtudes, assopradas, que luzem muito e valem pouco. Os bons não são os que choram sempre, mas os que andam risonhos estando tristes, e consolam precisando de ser consolados. Vejam Fr. Munio! . . . » O abbade parava sempre aqui.

Em quanto demos ao leitor esta breve noticia do character das pessoas que entram na scena d'esta historia, do lado de Coimbra, e no alto de um tezo ainda distante do castello, remoinharam rolos de poeira, e aos raios do sol poente scintillaram capellos, lanças e arnezes. Os sons das trompas retumbavam no ar, e estendiam-se ao longe.

— « É Gomes Lourenço? bradou D. Nuno. Tão cedo! ? »

— « Não, atalhou Martim Paes; hão deser os de Cima-Cavado; é d'elles o toque de trompas á mourisca. Vamos ver. »

O monge e os dois cavalleiros subiram ao eirado. A cavalgada tinha chegado a um cabeço, d'onde era facil aos do alcaçar contar os homens e conhecer os individuos; d'ahi o caminho, rodeando os montes, torcia-se até a barbacã. No centro do esquadrão tre-

mulavam pendões, quarteando-se as côres dos ricos-homens.

O frade voltou a cabeça com tristeza. Pelo contrario, a vista do cavalleiro de Lanhoso tinha um fri-lho estranho ao cravar-se em D. Nuno.

— « São elles! exclamaram ambos a um tempo. São elles! D. Nuno, vêde D. Froylas! Que airoso que vem o bom do velho no seu cavallo fouveiro? »

— « São setenta annos de idade para envergonhar os trinta e os vinte! »

— « E bom aço, que não parte » atalhou o monge.

— « Que os cavalleiros moços tivessem metade. . . »

— « Os cavalleiros moços! . . . disse D. Nuno, rindo. São para dançar na côrte, á roda das damas, como borboletas; e os velhos para pelejar! Com o ultimo d'elles adeus Portugal. »

— « Não, ainda ha cavalleiros moços, D. Nuno; acudiu Martim Paes. Olhai, aquelle que D. Froylas traz á sua esquerda. . . »

— « Não é Tructezindo Ramires? » perguntou o frade, resguardando a vista com a mão curva.

— « Esse. Com vinte annos, não os terá ainda completos, o moço Ramires é a melhor lança de Lima e Cima-Cavado! »

D. Nuno fez que não ouvia; e, apartando-se, desceu á sala d'armas para gritar do baleão:

— « Erga-se o rastilho! abaixo a levadiça! honra aos ricos-homens de Lima e Cavado! »

Em quanto elle gritava, o monge, pondo a mão no hombro de Martim Paes, dizia:

— « Este homem é mau e covarde, Martim Paes! »

O cavalleiro de Lanhoso não respondeu. O frade accrescentou:

— « Ouve-me agora: — Pelo sancto nome de Deus, pela alma de teu pai, pelo amor de tua irmã. . . não faças tal! »

— « Pareces parente de Gomes Lourenço, padre! »

— « No amor sou teu pai, mancebo, »

— « E fallaes de perdão?! . . . »

— « Fallo, porque acima da affronta está a fé, a honra do cavalleiro. Teu pai, se fosse vivo, gritava: Martim Paes, é despique de mulher. . . E o mundo não dirá: O senhor de Lanhoso, — olha! — como se não achou com valor para morrer de uma lançada. . . fez-se carrasco!! Queres que digam isto de ti, mancebo? »

— « Frade, não me tentes! . . . exclamou o cavalleiro, cerrando o punho com raiva. Não peças impossiveis. »

— « Quem t'os pede? Digo-te o que ha de succeder. . . O nome de « Ribeira » fica deshonorado, por ti, o filho d'aquelle pai. Pelos thesouros da terra, se tal ousares, a affronta do teu nome será a maior com que se possa injuriar alguém. »

— « Que te não ouça outra vez isso, padre! »

— « Ameaças a mim, D. cavalleiro?! »

— « Deixa-te de vaidades, nono. Que fallas ahi de brios, tu!?! . . . Deixa isso a quem póde com uma haste como essas que estão pelos lanceiros. »

Nos olhos do monge relampejou o fulgor de severa indignação.

— « É foi para isto que eu te criei! A quem acabou para o mundo chamas covarde. . . e não te pejas de pisar os mortos, homem de orgulho e soberba? Aonde estão os Cides de hoje, mancebo? »

Envergonhado da reprehensão D. Martim não respondeu. Fr. Munio proseguiu:

— « No meu tempo os cavalleiros, no Andaluz, feriam tres contra doze, e não viravam rosto. . . havia muitos; chamava-se um D. Sancho, infante de Portugal. O segundo era Lourenço Viegas—o espadeiro!—

e o outro, o terceiro . . . esse rezemos-lhe por alma ! morreu para o mundo ! . . . As lanças que vergam o braço aos cavalleiros d'agora eram canas de torneio para nós. »

E pegando na mais grossa meneou-a ligeira como um vime. D'ahi, retrahindo o corpo, despediu-a de arremesso contra um escudo, em que, vibrando, se enterrou duas pollegadas.

A côr do pejo assomou ás faces do rico homem de Lanhoso, que não levantava a vista do chão. Seguiu-se longa pausa.

— « Este braço, D. Martim, assim mesmo velho ainda jogava duas lançadas . . . aos mouros. »

Dizendo isto, o frade sorria-se com brandura, mas o cavalleiro não o ouviu. Com os beiços brancos e tremulos, e semblante torvo media o eirado a passos largos e precipitados. Lá dentro ía uma tempestade medonha.

O monge, pouzando-lhe a mão no hombro para o deter, dizia em tom insinuante : — « Vamos, é ser homem ! » quando de uma barca pequena, navegada alli perto no esteiro, entoaram estes versos de uma cantiga conhecida.

São frescas noites de junho
Noites de meigo luar ;
Estão a arder-me no peito
Amores que fui queimar.

A' medida que a voz cantava, a mão do frade escoregando confrangida apertava-se contra o peito; e no rosto, sempre tão sereno, passou a sombra d'uma saudade, ou correu uma nuvem de pezar. — A cantiga continuou, mais distante já :

Fonte moura, fonte d'ouro,
Bem chamada de Atamhar,
Por que sendo d'aguas doces,
Como pranto has de amargar ?

A voz do rio perdeu-se ao longe ; mas do outeiro proximo o pastor respondeu, caminhando para o valle:

Minhas galas são as armas,
Meu descanso o pelejar ;
E no São João á noite
Meu dormir só é velar !

Em quanto uma nota suspirou nos echos, Fr. Munio, debruçado, parecia beber a toada da melopea popular com o ar da respiração. Uma das mãos no peito como que sustinha o coração — a outra na fronte, sobre os olhos, queria dizer á memoria e ao pensamento : « Fugi ! » Tinha a vista pasmada e extatica ; os beiços entr'abertos ; e as feições na dolorosa suspensão da mágua e da saudade. Escutava com a alma toda ; o corpo nem sabia que existisse.

Depois que os ultimos sons expiraram conservou-se assim por minutos. A vida intensa do espirito, sôlta dos sentidos, voava livre pelas illusões do sentimento. A pouco e pouco a realidade apagou a visão, atraz da qual a idéa vagueava louca ; e tornando á existencia positiva, os olhos de Fr. Munio arrazaram-se d'agua. Os suspiros e soluços queriam romper, e comprimidos suffocavam-se na garganta. Que infinito padecer d'alma não accumulou aquelle só momento ? Por fim não as pôde conter ; dois rios de lagrimas rebentaram pelas faces do infeliz.

D. Martim contemplava-o, admirado da repentina mudança. Minutos antes, via no seu rosto a serenidade do céu ; que versos eram pois esses que desafiavam a tristeza ou o remorso ? ! Que mysterio encerrava a canção do rio ? O cavalleiro sabia vagamente que uma desgraça, das que são incuraveis, tinha met-

tido nas austeridades do claustro um homem que, na robustez da idade e na sêde da gloria, ainda se queixava de ser estreita para elle a terra do seu berço. Como o tinha prostrado a desventura, arquejante d'ancia, sob o joelho ? por que serie d'agonias, fugindo do arruido dos arraiaes, da morte breve do soldado, buscára o abrigo do ermo ? Mysterio era este que o senhor de Lanhoso ignorava como toda a gente. Quando pela vez primeira conhecêra o monge de Cister contava doze annos, e já com as neves do inverno na fronte, o esparto cingido ao corpo, e o rizo da paz na bocca para não lhe escapar do peito o segredo que lá guardava.

Os prantos que ardem nas palpebras dos velhos desatam-se agros e sombrios como tempestade que são. Quando virdes ás lagrimas, a uma e uma, borbulharem nos seus olhos, inclinae-vos ! É a dôr em toda a solemne grandeza da sua elevação. Inclinae-vos. N'aquelle seio as fontes do pranto, para manarem depois de seccas, rebentaram d'uma chaga, das que matam em poucas horas ! — A infancia chora juncto dos amores e dos rozaes ; a velhice quasi sempre rega com as suas lagrimas o sepulchro, aonde jazem os affectos que a consolavam do martyrio da vida !

Pobre monge ! Á força de enganar as saudades, chegaste a enganar-te a ti. Julgaste que as paixões se extinguiriam ? Vê ! bastou uma d'ellas, bastou a voz apenas, e acordaram todas, e morderam-te na alma mais incisivas do que nunca. É que só dormiam.

O teu coração, macerado com os cilicios e jejuns, sangrado dos espinhos, como o escravo, aprendeu a amar mais a liberdade. Despega-lo da carne, e converte-lo em vaso purificado, para só arder com o incenso da penitencia, era victoria de anjos ; as forças do homem não podiam tanto. Veiu o chamar do mundo, e o captivo, semelhante ao corsel da Numidia, foi buscar os sitios da primeira vida. Monge, o teu coração de esposo e de soldado não cabe na estreita cella do mosteiro.

Fugiu-te ! procura-o nas ruinas do mundo, aonde sonhou a gloria, provou da alegria, e enterrou a ventura ; — mundo destruido, de que tu ficaste só, larva errante, para, no vago scismar da noite e das saudades te consolares ; porque a noite, como a alma gemedora do poeta, é um mysterio insondavel . . . pobre monge ! Os prantos não aquecem cinzas frias ; os affectos mortos não os reverdecem lagrimas ; o calor dos suspiros não abre olhos, nem anima peitos mortos e aridos do sepulchro. A tua mortalha arqueja com o soluçar do remorso, mas o sudario, sobre aquelles ossos, não se levanta mais. Tem o pezo da eternidade.

E que se erguesse . . . os teus votos esmagam-te o coração como a louza de uma sepultura, calcando-o. Quizeste morrer em vida, e os mortos não teem vontade, nem esperanza, nem memoria ! Choras ? ! As lagrimas são o alivio do que vive ; nas tuas faces queimam com o ardor do crime. Amas ? ! Monge, o amor do solitario é um sacrilegio, quando se não entrega todo a Deus.

Assim, do fundo d'alma, clamava a consciencia de Fr. Munio. Era amargosa a reprehensão ; mas o remedio que doe quasi sempre cura. Limpando os olhos com as costas da mão, o frade disse, virando-se para Martim Paes :

— « A carne é que chorou ; o espirito está alegre . . . resignado ! »

— « Mas esta cantiga ? ! . . . »

— « Lembrou-me que duas horas de felicidade houve na minha vida. Que de cousas veio recordar ! »

— « Amores? . . . »

— « Que amores, D. Martim?! Eram do céu; por isso Deus os levou tão cedo. Vespera de S. João cantou-se esta cantiga . . . a bocca a quem a ouvi não torna a abrir-se. Estavam alli uns olhos! . . . já os comeu a terra. »

— « Morreu? »

— « Mataram-n'a! » respondeu o frade, pallido como cera.

— « Ah! . . . E vós? . . . »

— « Eu!? Para que m'o perguntaes? Este habito não é o sudario de um innocente. »

— « Resignaste-vos depois! . . . »

— « Altos juizos de Deus! »

E cruzou as mãos no peito. O cavalleiro não insistiu em o interrogar, porque viu que seria inutil.

— « Martim Paes, proseguiu o monge com vehemencia, pela hostia sagrada, não mates Gomes Lourenço. Esta cantiga ainda a não ouvi senão quando está para vir desgraça grande! »

— « Agouros, padre? »

— « Avisos, filho. Deus falla por todas as boccas. »

Sem responder, o mancebo apertava-lhe a mão com força.

— « Promettes? »

— « É tarde, já não posso. »

— « Ainda agora viste se eu padeço; pelo amor de tua mãe, arreda de ti o meu destino. . . Castigue-o Deus! »

— « É juiz que mora tão longe, padre! »

— « E que te ha de ver de lá mesmo, filho. »

— « Que veja então se eu sei vingar-me. »

E sem querer ouvir mais nada, desceu a escada e foi receber os ricos-homens de Lima e Cavado. O frade, em vez de o acompanhar, entrou na ermida. Ahi, ao relampejar do céu, de mãos erguidas ajoelhou em fervorosa oração. Instantes depois, o ruido das vozes e o tinir das armas na sala por cima, annunciaram-lhe a chegada dos parentes de Lanhoso.

Já de noite o monge, ainda de bruços na lagem, sentiu tropeada e relinchar de corseis. Ouviu perguntar de fóra, e D. Nuno responder de dentro. Atraz, os alçapões rangeram nas cadeias, e caíram de pancada surda nos apoios de pedra da ponte.

— « E ninguem te diria, Gomes Lourenço, exclamou o frade, que as portas d'este castello, como as da eternidade, não se abrem mais? Seja feita a tua vontade, Senhor! »

E levantou-se sem acrescentar mais nada.

SOLDADO DE CAVALLO PRUSSIANO.

É SABIDO que o rei da Prussia estima apaixonadamente a idade media. A principio, desenvolveu-se o seu desvelo pela imitação d'esta epocha por meio de impulso e favor prestado ás artes, e restauração de monumentos; porém ainda não ha bem dois annos estendeu-se aos uniformes do exercito. Supprimiu o moderno fardamento para todas as armas, assim de cavallaria e infantaria de linha, como dos regimentos da landwher, ou segunda milicia. Só os lanceiros e os hussares conservaram seus uniformes, que denotam a sua origem estrangeira.

Uma sotaina azul para a infantaria, azul clara para os dragões, branca para os guardas de corpo e os couraceiros, substitue a farda; faz lembrar pelo feitio a sobrecota da idade media; é muito curta e dá quasi pela curva da perna.

O shakó, ou barretina de pelles, é substituido em todos os corpos por um capacete de forma bastante

singular, que recorda as celadas ou elmos de seculo XIV; guarnecido de uma larga viseira quadrada, e pela parte de traz, de um comprido resguardo da nuca, é uniformemente coroadado por uma ponta de cobre. A infantaria tem este capacete de couro, e o da cavallaria é de ferro polido; os guardas de corpo trazem no alto do mesmo capacete uma aguia dourada.



Convem observar que se esta reforma de fardamento na Prussia não satisfaz inteiramente o bom gosto, ao menos o antecedente não deixa saudades: no antigo, os soldados, afogados por enormes gollas acolchetadas, silhados com as fardas, presos com as calças esticadas por baixo das solas, parecia que faziam continuos esforços para suster em equilibrio os longos e asperos pennachos de clina, arvorados na frente das barretinas; o fardamento actual á primeira vista move o riso, mas é fóra de duvida que dá muita mais facilidade ao movimento do soldado,

AS ELEIÇÕES EM INGLATERRA (1).

SE os homens conhecessem a fundo e por exame proprio tudo quanto amam ou admiram, as *bossas* ou protuberancias do amor e da admiração, como diria um phrenologista, não occupariam no seu craneo o tamanho de uma lentilha; porém, a da indifferença elevar-se-hia ao volume de um lobinho monstruoso. Eu sou o primeiro que applico a mim mesmo este afflictivo aphorismo. Todos os objectos que amei e admirei, á excepção de um só, bem depressa perderam os direitos áquelles dois sentimentos, logo que os collo-

(1) Artigo de Mr. Charpentier no Musée des Familles.

quei em frente do prisma attenuante que se chama observação.

Na primeira linha d'esses objectos que só me deixaram o pesar de os haver conhecido; entra a Inglaterra e a sua constituição politica. Quanto eu tinha lido e ouvido d'este paiz me tinha apaixonado, exaltado, quando eu era maníaco de angloomania furiosa. O mais intimo e o melhor dos meus amigos affligia-se muito de ver-me n'este estado; e vinte vezes estive-mos a ponto de ficarmos mal avindos para sempre em as nossas continuas e ardentes discussões sobre a preeminencia da Inglaterra sobre a França e viceversa. Eu, sustentava sempre que a civilização na Inglaterra andava adiantada, mais seculo ao resto da Europa; porém o meu amigo, homem de juizo e prudencia, achou o meio de cortar o mal pela raiz. Aconselhou-me uma viagem a Inglaterra na epocha das eleições, e muniu-me de cartas de recommendação para um rico negociante hollandez, estabelecido em Londres, havia trinta annos, e chamado M. Van-Krooeck.

Aqui estou eu na capital dos tres reinos unidos, na cidade de um milhão e setecentos mil habitantes, no emporio de commercio do mundo inteiro, no asylo inviolavel e sagrado da liberdade humana. Este ultimo privilegio me enthusiasmava de maneira que, passeando nas amplas ruas de Londres, sentia-me livre e leve como um homem que se acha solto de grilhões que lhe pesavam nas mãos e lhe peavam os pés.

No terceiro dia da minha chegada, o hollandez a quem eu estava recommendado conduziu-me ás eleições na City. Como elle habitava na extremidade opposta da cidade, tinhamos que andar longo caminho; o que elle quiz aproveitar para dar principio ás suas observações e á minha instrucção sobre os inglezes e a Inglaterra.

— « Todos esses homens que vedes tão tezoz e calados por esses largos passeios (me disse) trazem impressa no rosto a expressão do sentimento que é a origem dos seus vicios e das suas virtudes, o orgulho, immenso, sem igual, espantoso. O inglez ama o seu rei como um seu amigo; mas não quer reconhecer outro senhor senão as leis, para a confecção das quaes contribue. O inglez professa desprezo profundo d'aquelles povos que dão a um homem licença illimitada, para viverem depois todos escravos ás ordens d'elle. »

— « Com effeito, é curiosa posição (observei eu) a das nações que teem governos absolutos: inspiram ao seu dominador um terror continuo, e ao mesmo tempo estremecem sob o poder que julgam delegação do céu. »

— « Essa contradição é de facto tão verdadeira como singular; mas acha-se em Inglaterra debaixo de outro aspecto. Aqui, o nome de liberdade retumba em todas as assembleas; estão promptos a morrer por esta palavra milhares de homens, da qual apenas alguns comprehendem o sentido. Alem d'isso, a liberdade aqui é privilegio do rico, e só do rico; o pobre operario falla como um Catão ou um Bruto, é a vigilante guarda d'essa liberdade, mas nunca a conhece. O dia unico em que a póde exercitar é o das eleições, dia em que se vende por alguns cangirões de cerveja e algumas postas de vacca, ou por meia duzia de schellings. »

— « Pois esse indigno mercado é tão effectivo, tão geral como dizem! — Bradei eu, olhando attentamente para o meu interlocutor. »

— « Muito effectivo e muito geral (me tornou elle, sorrindo-se). Mas não crimineis o povo inglez; no intervallo das eleições elle tem o prazer politico de fallar da sua liberdade; mas, na epocha das eleições tem uma fartadella, que é prazer muito mais solido. »

Passavamos exactamente por diante de uma taberna, onde havia electores abançados, de listas nas mãos, entre vasilhas enormes.

— « Olha!, (me disse o meu observador) aqui está guapa gente que joga o seu voto com botellas de cerveja. »

Chegamos bem depressa a um vasto e sombrio edificio, que me parecia uma prisão.

— « Não vos enganais: (disse M. Van-Krooeck) é a prisão dos devedores. Vede aquelle infeliz que conversa, atravez das grades da janella rente do chão, com dois homens, que se mostram muito agitados. Que-reis escutar por alguns instantes a sua conversação? Ha dez que apostar contra um, que estão fallando de eleições, e discutem, segundo a sua opinião, as probabilidades e os merecimentos de cada candidato. »

— « De boa vontade, (repliquei eu) mas para não perceberem que os escutam, paremos aqui n'este estadal de gravuras velhas, como quem quer ver e comprar alguma d'essa fazenda. »

Um dos dois interlocutores do devedor preso era um moço de fretes, outro era um soldado de marinha com uma desmarcada cicatriz no rosto; o que descobrimos pelos ganchos pendurados nos hombros do primeiro, e pelo fardamento um tanto safado do segundo.

— « Meus amigos (dizia-lhe o preso, por entre as grades) eu não tenho receio senão pela nossa liberdade; daria o meu voto, se pudesse sair por uma hora sómente d'esta prisão para ir votar; e o daria áquelle dos dois candidatos que expozesse as opiniões mais decididas quanto á liberdade do povo. »

— « E contaís sair tão breve da prisão? — Perguntou-lhe o soldado. »

— « Sim (tornou o prisioneiro): porque sir Colingbroke, que sabe a minha opinião, deve a estas horas ter pago a divida que me retém aqui. Oh! sir Colingbroke é um fervoroso radical, um amigo da liberdade; affirmo-o eu; e por isso, o meu voto é d'elle. »

— « Quanto a mim, (disse o homem dos fretes) eu quero o bem do povo; e como eu e minha filha pertencemos ao povo, quero o bem-estar de nós ambos. Ora o concorrente de sir Colingbroke é Mr. Larker, negociante rico, como vós sabeis; prometteu a Hary Jeus-Kins, o pretendente de minha filha, o logar de guarda de armazens na sua casa, o que rende por anno cinquenta libras esterlinas, com o que passaremos todos commodamente. Agora, deixo ao vesso juizo, meus amigos, se eu hei de deixar de votar com Mr. Larker, bemfeitor do povo e da minha familia? »

— « Bello! (exclamou o soldado) eis-ahi está o que é fallar estupidamente! Eis-ahi o que é nunca ter queimado uma escorva, nem amolgado uma espada na cabeça calva de um china; se o soubessem não iriam dar voto em dois paisanos, antes que n'um valente militar. Aquem compete fazer as leis, pergunto eu, senão áquelles que as defendem? O meu coronel, lord Levenson, era muito mais digno de ser eleito; elle que deixava o soldado saquear á discrição as cidades tomadas de assalto. Diz-se que detesta o povo e quer a todo o custo a lei dos cereaes; mas é estimado do soldado pela liberdade que lhe permite fóra da velha Inglaterra. Viva elle! Quando se lhe metter em cabeça ser candidato, gritarei tão alto que o meu voto valerá por dez: agora não voto em ninguem. »

N'este ponto, os tres politicos separaram-se, bem convencidos da sinceridade e desinteresse dos seus principios.

— « Acabais de apreciar (disse me então o hollandez) em toda a sua nudez o profundo conhecimento dos plebeus inglezes em materia de liberdade. O deputado liberal é para esse devedor insolvivel o que

lhes abrir as portas da cadeia; o mogo dos fretes e o outro companheiro não tem outra balança para pesar o merito de candidato de sua escolha.»

Testemunhei a Mr. Van-Kroock a mais extraordinaria admiração no tocante ao que acabava de ouvir.

— « Senhor, (disse eu) estes tres homens são uns pobres diabos, a quem a oppressão da miseria parece menos insupportavel que a da aristocracia: a sua opinião não passa de uma excepção. E d'esperar mais elevação e delicadeza de sentimentos na massa geral; não será assim, senhor? »

— « Breve o podereis julgar. — Respondeu o hollandez. »

Com effeito, depois de um quarto de hora de caminho, ouvimos uma algazarra, ainda ao longe mas formidavel, de vozes de homens. A proporção que fomos chegando, augmentava de intensidade a bulha; distinguia-se o riso desordenado, a dôr a imprecação &c.—Mas que espectáculo se me offereceu aos olhos desvairados.

— « Porém, senhor, (disse eu para o meu explicador neerlandez) não é um acto politico que se prepara n'este logar; estamos no campo de um mercado, no meio de feirantes impando de cervejas, que se açulam uns aos outros, não sei porque. Confesso que esta scena nada tem de divertida. »

— « Mas é instructiva, meu senhor francez. »

Entrámos, mas com muito custo, n'um d'esses immensos cafés — estalagens, e casas de comida ao mesmo tempo, que lá chamam « tabernas. »

Compridas mesas estavam atulhadas de ossadas de diversidade de animaes, empilhadas como pedras de uma casa, que se vai construir. Nunca eu tinha observado uma destruição tão consideravel de entes animados, nem tão variada, nem tão capaz de tirar completamente o appetite a qualquer homem que não seja inglez.

— « Aqui tendes outra face dos costumes do paiz (me disse Mr. Van-Kroock). Não ha em todo o mundo povo mais comilão; e não ha festa em que se coma tanto como por occasião das eleições. O boi gordo é realmente aqui o primeiro elemento politico. Ha trinta annos que resido no paiz; e não cesso de passar á vista dos banquetes monstros d'esta gente. Ainda que eu tivesse cinquenta cabeças, e cada uma d'ellas munida da competente intelligencia, ser-me-hia impossivel computar o numero de vaccas e bois, de porcos, ganços, e perús, que desde esta manhã morreram para o bem da velha Inglaterra, sua patria commun. »

(Continua)

OS MEDICOS KALMUKOS.

Os *guelungs*, ou sacerdotes kalmukos, accumulam de ordinario as funcções sacerdotaes com as de *emtschi* ou medico: tractam ao mesmo tempo do corpo e da alma do doente.

Conhecem pelo pulso, e, as mais das vezes, tambem pelo exame das urinas, a natureza e intensidade da molestia, e depois começam o curativo em que adoptam, como principio geral, que o doente deve soffrer uma dieta rigorosissima. Mesmo quando, a olhos vistos, se vai restabelecendo, não lhe dão por duas semanas senão agua quente.

Compõem-se os seus medicamentos de differenteservas que elles vão colher por suas mãos aos *steppes* de Astracan, ou que mandam vir de diversos pontos da Asia, e até da India. Um dos seus principaes remedio é o *dac* ou almiscar do animal chamado *targa*.

Affirmam os kalmukos, e na sua fé os russos que habitam as *steppes*, que um cozimento, chamado *ja-ou*,

é um sudorifico excellente, melhor que todos os remedios analogos da medicina europea.

Se algum d'elles tem a desgraça de ser picado pelas tarantulas ou aranhas negras, ajunctam os medicos certo numero d'aquelles animaes, mettem-n'os em azeite ou cebo de vacca, e esfregam com esta especie de untura forte não só a ferida, mas todo o corpo do doente, que toma ao mesmo tempo remedios internos. Quando não se applica logo este remedio corre o enfermo grande perigo. Os *symptomas* da mordedura manifestam-se immediatamente: são um aperto de coração, e um delirio, que, se os socorros não forem promptissimos, só acaba com a vida. Os convalescentes, muito tempo depois da cura, conservam a amarellidão do rosto, sentem estremecimentos por todo o corpo, e mal podem ter-se em pé. Para sarar de todo é indispensavel ter a maior cautela em tudo e por tudo, e uma sobriedade completa.

Taes são as idéas dos kalmukos pelo que toca aos medicamentos; ha todavia muitos casos em que os *guelungs* ou *emtschis*, receitam aos doentes bebidas escandecentes, e enormes quantidades de carneiro gordo para alimento.

Julgam incuraveis as bexigas, e por isso lhes teem o maior horror possivel; de sorte que se algum kalmuko se chega, por descuido, a sitio onde haja pessoas com ellas, apanha um susto mui grande, com que fica mais sujeito ao contagio. Para evitarem as consequencias perigosas do medo que rapa o *seechiks* (aquelle que julgam iscado do mal) accusam-n'o de algum crime que não commetteu; por exemplo, de um roubo. O réu supposto é agarrado, quando menos o espera, e convencido por testemunhas falsas, amarram-lhe as mãos, e dão-lhe uma roda de chicote. O novo terror, a impressão inesperada do vergalho no lombo da victima d'esta cruel hygiene, faz com que elle se esqueça das bexigas, e mata a influencia desfavoravel causada pelo terror d'uma imaginação exaltada.

É certo que muitos *guelungs* mostram grande habilidade no tractamento das doenças, e que teem conhecimentos profundos das virtudes das plantas. É provavel que d'um bom exame, feito nas *steppes*, resultasse mais de uma descoberta util á saude da especie humana.

Os *guelungs* ajudam com orações a acção dos remedios, e, por consequencia, exigem dos seus doentes ofertas de grande valor para os *hourouls* ou templos de idolos. O kalmuko, supersticioso ao ultimo ponto, ostenta generosidade n'estas occasiões, e communmente o homem rico não consegue livrar-se da molestia sem ficar reduzido á indigencia ou, pelo menos, deixa a sua familia a pedir esmola. Os *guelungs*, que tambem tomam o nome de *sunghatchi*, ou astrologos, pela sua erudição, teem a habilidade d'apontar, como causa da molestia de que tractam, a propriedade de algum objecto de valor consideravel, que o enfermo possui, e que, segundo os *guelungs*, se oppõe a que recobre a saude. Tanto que o *sunghatchi*, de quem nada se esconde, faz esta interessante descoberta, começa a persuadir o doente que se desfaça do tal objecto, doando-o ao templo, e o conselho é logo seguido como se fosse uma ordem do céu.

Poem outro nome ao enfermo, o qual, depois d'estes actos, fica certo de que em breve convalescerá. « N'uma aldeia, refere um historiador russo, um certo Seisang-Zézene-Dorchi, que d'antes se chamava Tatu-Nazane, me contou que só fôra curado por este methodo, depois de ter esgotado todos os outros meios. »

A religião dos kalmukos obriga-os a crer que o causador de todas as desgraças que lhes acontecem é

um genio mau, chamado Erlik, ou o diabo, o qual carrega com todos os moribundos. Assim que o estado do doente não deixa haver esperança de vida, recorrem os *guelungs* ao expediente do resgate, apresentando a Erlik, que teima em não apparecer, uma boneca de barro como offerta, para que elle conserve a vida d'um *kan*, ou d'algum outro homem de consideração; e se a obstinação da molestia prova claramente que Erlik está deliberado a empolgar o doente, procuram entre os homens seus dependentes, algum que, por affeição, queira sacrificar-se por elle. Aquelle que se decide a salvar das garras de Erlik algum caudilho desenganado de que morre, recebe o nome, os vestidos mais ricos e a armadura completa do doente, para que no exterior se pareça com elle o mais que fôr possível; cavalga no seu cavallo mais estimado, coberto de uma sella brilhante, e ao som bellicoso do clarim e outros instrumentos, escoltado por todo o povo e pela cleresia, que repete as orações prescriptas em tal caso, fazem-lhe dar uma volta á roda do houroul, e depois perseguem-n'o com uma berraria como *andyno*, ou expulso para sempre da sua aldeia. O *andyno* pôde todavia naturalisar-se n'outra povoação, e até casar; mas é obrigado a viver solitario, e conserva o nome de *andyno*, que transmite aos seus descendentes. Nos nossos dias se vai perdendo cada vez mais este uso, e hoje substituem *andynos* feitos de barro ou de farinha aos *andynos* vivos.

Independentemente d'estes artificios, usam os *guelungs* de outros, que provam o charlatanismo impudente com que procedem, e attestam a superstição e a incrível cegueira dos *kalmukos*.

Para satisfazerem a sua insaciavel cubiça, chegam algumas vezes a persuadir ao doente que a sua alma já está separada do corpo, e que se ainda sente e respira, só o deve attribuir aos vãos esforços da força vital. Todavia, não tiram de todo ao doente a esperança de ser ainda possível tornar a unir-lhe a alma ao corpo, e é então que o desgraçado offerece quanto possui para que lhe dilatem a vida, e p'de ao medico com as mais vivas instancias que lhe restitua a alma. O *guelung* finge fazer esforços para a revocar, tocando primeiramente, para esse fim, um instrumento de vento. Saíndo depois da barraca, faz muitos bichancros á alma que foge, e a convida a voltar, bradando-lhe: « Debalde partes; torna atraz se não queres que os lobos te comam, &c. » O pobre doente, perplexo entre o medo e a esperança, pergunta-lhe ancioso pelo resultado dos seus esforços, e o *guelung* lhe responde: « Tudo vai bem; a alma já appareceu lá ao longe, e dá mostras de querer voltar. » Continúa assim a embalar o doente com esta esperança até que elle morre ou se restabelece. N'este ultimo caso dá os parabens ao doente pela feliz volta da sua alma; mas se a morte põe termo á farsa, assegura aos parentes do defuncto que a alma estava a ponto de voltar, quando o perverso Erlik empregou uma astucia inesperada, que elle conta muito por miudo, para não perder o direito ao premio prometido.

Se a uma molestia grave sobrevem o delirio, e o doente profere palavras inintelligiveis, não deixam os circumstantes de acreditar que Erlik lhe está dando tractos e quer roubar-lhe a alma. Fazem então uma bulha medonha não só na barraca, mas tambem fóra; quantos estão ao pé do enfermo armam-se com tudo quanto acham á mão, correm d'uma banda para a outra dando grandes berros, e brigando com o ar, para expulsarem o genio do mal, animados pelas exhortações e pelo exemplo do *guelung*.

ESCOLHA DAS ENCADERNAÇÕES. CONSERVAÇÃO DOS LIVROS.

Mr. Sebastião Lenormand, na 12.^a secção do seu *Manual do Encadernador* (edição de 1840), considerando o encadernador consocio do bibliophilo, ou guia dos amadores que querem fazer livrarias sem terem a experiencia ou os conhecimentos necessarios, dá os seguintes conselhos para este fim, tirados quasi todos, segundo confessa, das *Instrucções sobre a disposição, conservação e administração dos bibliothecas*, por Mr. Constantin.

Sortimento e qualidade das diversas encadernações.

A encadernação orna e conserva os livros ao mesmo tempo; mas cumpre que seja escolhida e graduada pela natureza e importancia das obras; porque tão mal caberia a capa de bello marroquim dourado n'um folheto ephemero, como a de carneira ou cartonagem n'uma obra prima de sciencia ou d'artes. Tenha o rico amator na sua livraria certo numero de volumes embellezados com as mais primoras e elegantes encadernações, mas que sejam livros merecedores d'este ornato; o resto da livraria seja encadernada para durar.

Quando o amator dos livros não pôde dispender o necessario para que a riqueza da encadernação corresponda ao merito de certas obras, deve contentar-se com uma encadernação muito singela para todos os seus livros; pois val muito mais isto do que ter alguns livros com encadernações de luxo, e outros em brochura, que pareçam despresados e desagradem á vista.

A encadernação mais ordinaria é de carneira ou de bezerro com dourados e côres diversas: convém ás pessoas de muitos ou de poucos teres, a todas as livrarias, e a todas as obras. Das encadernações de pergaminho, de marroquim, de moscovia, de fazendas ondeadas, de veludo &c., só se deve fazer uso em casos d'exception.

Um genero mui conveniente, e adoptado por muitos amadores, é o da meia encadernação com lombada de bezerro ou marroquim, não aparada, com margens. Postos nas prateleiras os volumes assim encadernados são tão elegantes como os livros com encadernação inteira; e teem a mesma solidez. Esta encadernação reúne de mais a mais a vantagem da barateza e da largura das margens; cousa de muito valor aos olhos dos bibliophilos, que a pagam por alto preço, e fazem todo o empenho por ella. Alguns d'elles teem tanto a peito a conservação das margens, que fazem ás vezes cobrir com a mais bella encadernação um livro por aparar, e até sem ser tosquiado. Cumpre ao encadernador respeitar e satisfazer esta pretensão, que tem bom fundamento, não obstante tornar-se ás vezes ridicula.

O conhecimento tecnico da encadernação (diz, insistindo muito n'este ponto, o estimavel auctor da *Bibliothecnomia*) é indispensavel para evitar perdas reaes. É preciso saber escolher um bom encadernador, poder avaliar o seu trabalho e apontar-lhe os defeitos, aliaz ter-se hão livros mal encadernados, ornados sem gosto, e pouco fortes; e em quanto estas encadernações defeituosas hão de ir valendo menos de dia para dia, encadernações boas de não maior custo conservarão, a despeito dos annos, todo o seu valor. Uma prova de que o trabalho bem feito é sempre estimado, é que as antigas encadernações dos Dusseils, Deromes, Padeloup e outros, ainda hoje são tão procuradas como os primores d'arte dos encadernadores de Paris e Londres de maior voga. (Continúa.)